

11-02-2020

A DESTRUIÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Marcos Besserman Vianna

[Coordenador do Departamento de Direitos Humanos,
Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

O mundo segue como sempre: os poderosos fazendo coisas de poderosos e os pobres fazendo coisas de pobres. O capitalismo se torna maior e mais admirável à medida que paga menos e restringe direitos dos trabalhadores, alcançando mais proveito das necessidades deles (os de sempre). Nos fazem crer que vivemos num parque de diversões, com luzes de celulares piscando, conexão com o mundo inteiro, quando na realidade somos apenas hamsters dando voltas em rodas gigantes, correndo para o nada. Não existe nenhum grupo humano que tenha nascido com maldade congênita. Por casualidade os nazistas eram alemães. Mas ninguém pode me fazer crer que o que sucedeu lá não podia ocorrer igualmente em outros países. Em lugares, por exemplo, que elegem líderes que defendem o exercício da tortura sobre seus semelhantes. Infelizmente existem mais pessoas que compartilham com essa opinião do que podíamos imaginar. Todos podemos defender uma visão do gênero humano de muitas outras formas, sem compartilhar dos ideais veiculados pelo nazismo. Se é que os ideais nazistas podem se considerar ideias políticas. Ideias criminais seria mais correto. Por quê temos que exterminar os ciganos, judeus ou comunistas? Porque são diferentes e podem degenerar nosso país? O velho nazismo está morto. Mas, de alguma maneira segue vivo, está sendo gestado, crescendo, sob novas aparências. Não é preciso navegar muito nas redes sociais para que se revele uma multidão de racistas, de super-homens machistas, de pessoas com mentalidade da idade média, como criacionistas e terraplanistas. De todos aqueles que buscam inspiração nos esterco da história.

As ideias do cérebro deformado de Hitler seguem vivas. Tem outros nomes, mas os mesmos princípios, a mesma maligna concepção de que, se julgarmos necessário, podem matar um povo inteiro. Com as novas técnicas, os computadores, as redes internacionais, esses grupos milicianos podem trabalhar juntos. E seguirão cultivando seu ódio contra as pessoas que têm outra cor de pele, outros costumes, outros deuses. Defendem o direito da minoria mais forte a dominar os desfavorecidos e os pobres, aos quais se referem com termos de desprezo chamando-os inúteis, calculando seus pesos em arrobas, massas pobres, chusma, lixo...

Acreditam que o mundo está dominado pelos novos tempos de redes eletrônicas que oferecem às pessoas como elas as vantagens e os instrumentos necessários para consolidar sua soberania sob o resto. Hoje existem, como então, pessoas com pensamentos malévolos, que depreciam o ser humano, racistas. Só que existem com outros nomes, atuam segundo outros métodos.

Na atualidade, não se criam batalhas entre exércitos (embora o Trump tente), mas o ódio ante aqueles que desprezam adquire outras formas de expressão, mais solapadas. Nosso país, por exemplo, está a ponto de explodir devido ao desprezo pelos vulneráveis, pelo furor contra as comunidades pobres, lgbtqi+, intelectuais, artistas, pelo racismo. Por toda parte me deparo com essas pessoas e me pergunto se teremos capacidade para contrapor a resistência necessária, dessa forma em que o mundo contempla o desastre sem sentir-se estremecido por ele... Não é certo ser odiado, nem é certo ser venerado. Não somos deuses e deusas, nem demônios e bestas. Não queremos uma vida de dor, competição e sofrimento, mas de dignidade e respeito. Se não fizermos algo a respeito de toda essa gente que comunga dessas ideias sobrevividas do nazismo, **que vida esperamos para nossos filhos?** Uma sociedade se define pelo que exclui, não é verdade? Somos um país com potencial, com pessoas maravilhosas e boas que não queremos mais que uma coisa: **um futuro para nossos filhos.** Aqui. Não em Portugal ou no Canadá. Chamem de descrença, desencanto, fracasso da razão, mas a realidade é que vivemos a era do vazio. Vivemos numa sociedade onde o ódio cresce exponencialmente, está no auge e se faz virulento. Assim estão todos meus amigos. Passamos quarenta anos fingindo que não existia o capitalismo nem sua terrível crueldade, sua fome de poder e riqueza. E agora estamos todos fodidos, buscando migalhas...

Existem os poderosos, os que não têm muitos problemas para sobreviver na selva neoliberal, que não creem mais na justiça, no direito, na Constituição, no exército que eles mesmos criaram, para livrá-los do perigo da revolução. Defendê-los do fantasma da apropriação, da justiça distributiva, dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa.

Nós estamos de um lado, eles do outro.

Já leram Primo Levi? Disse que dentro de todos nós, como uma infecção latente, existe uma convicção que nos diz que todo estrangeiro é um inimigo. Quando deixamos que isso se converta num princípio, quando aceitamos que o estrangeiro é alguém diferente de nós e em pior condição de vida, acaba-se chegando a Auschwitz.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.